

SEDENTARISMO SOCIAL E NOMADISMO CULTURAL:

A POSSÍVEL COMPLEMENTARIDADE

ANÁLISE DE UM CASO DE INTERVENÇÃO SÓCIO-EDUCATIVA, COM RECURSO À MEDIAÇÃO, JUNTO DE UMA COMUNIDADE CIGANA (PAREDES)

Mónica Patrícia Nogueira Bessa

Santa Casa da Misericórdia de Paredes

RESUMO

Este trabalho foi elaborado em torno de dois objectivos centrais: mostrar que na comunidade de ciganos de Paredes convivem várias tipologias do cigano (o que pode permitir desconstruir o estereótipo do “cigano” que se aplica a uma única categoria identitária); esclarecer as razões do sucesso, mediaticamente reconhecido, da integração social desta minoria relevando, para o efeito, a figura do mediador social.

Procedeu-se a uma análise da prática profissional da equipa do Rendimento Social de Inserção da Misericórdia de Paredes e das várias entidades envolvidas que intervieram junto desta comunidade. Refere-se como metodologia o uso de recursos bibliográficos, a recolha de informação na imprensa nacional e local, a entrevista informal, a observação directa, o parecer social, os relatórios, as reuniões, as visitas domiciliárias, a consulta de documentos, a abordagem directa, as dinâmicas de grupo, os vídeos, o atendimento individualizado e em grupo e, o diálogo. A intervenção junto desta comunidade tem sido conotada como um “caso de sucesso” e, mesmo que na opinião técnica se trate de um “sucesso” limitado, uma vez que haverá ainda muito a ser feito, este é mais do que suficiente para que se projectem expectativas muito positivas num futuro próximo e se considere viável generalizar procedimentos.

PALAVRAS-CHAVE: minoria, aculturação, resistência, inclusão, aceitação.

ABSTRACT

This study was carried out with two objectives: to show that, in Paredes, within the gipsy community, many other types of gypsies live together (that may allow to deconstruct the stereotype of a single “gipsy” identity category); to clarify the reasons for success, mediatically recognised, of this minority’s social integration, highlighting, thus, the social mediator figure.

It was carried out an analysis concerning the professional practice of the Social Insertion Income team of Misericórdia de Paredes and of other entities that intervene in this community.

The methodology was based on literature, data collection in the national and local press, informal interviews, direct observation, social opinion, reports, meetings, home visits, documents, direct approach, group dynamics, videos, individual and group attendance and dialogue.

The intervention in this community is seen as a “success” and even, if technical opinion considers it as a limited “success”, since there is still much to be done, this is enough to have positive expectations and consider feasible to generalize procedures.

KEYWORDS: minority, acculturation, resistance, inclusion, acceptance.

INTRODUÇÃO

Sempre na perspectiva da Comunidade Cigana residente no concelho de Paredes, a questão chave que irá servir de fio condutor para a elaboração de todo este trabalho descreve-se nos seguintes termos: “*Cigano ou Ciganos?*”. Procedeu-se a uma análise da prática profissional. Visto que a relação teoria e prática é trabalhada desde o início do processo de formação académica, tentou-se procurar aproximar à situação as formações teóricas que revestem a profissão de um Assistente Social. Não obstante, e na qualidade de técnico de RSI (Rendimento Social de Inserção - Misericórdia de Paredes) em trabalho diário, a base desta actuação visa a busca de formas democráticas viáveis, de modo a responder às distintas demandas postas pelas populações com quem se actua.

No decorrer deste trabalho também se irá proceder à descrição de um assumido “Informal Projecto Social” - “(...) *a elaboração de Projectos Sociais nasce como consequência do desejo de melhorar a realidade onde estamos inseridos*” (Serrana, 2008: 16) -, orientado numa sustentabilidade parceira entre diversas instituições sociais locais, de modo a operacionalizar de forma coerente a actuação das várias entidades intervenientes.

Contextualizando a prática exercida, a actuação da equipa de RSI da Misericórdia de Paredes é fiel ao Projecto Interno criado pela mesma, intitulado “Intervir para Prevenir”. O referido projecto “Intervir para Prevenir” intensifica-se em três eixos de intervenção: a educação, a prevenção de risco e o emprego. Para cada eixo interventivo desenvolveram-se três “mini” projectos intitulados “Oficinas e Lavoros”, “Orientar e Procurar a Inserção Profissional” e “Conviver e Partilhar”. Cada um deles, por sua vez, desenvolve-se em prol de objectivos específicos a cada acção.

Com vista ao apoio das pessoas mais carenciadas desta comunidade, durante alguns anos a Câmara Municipal de Paredes (CMP) reuniu informações que lhe permitiram operacionalizar esforços que servem de sustentabilidade à sua actual intervenção. As antigas abordagens interventivas mostravam-se ser inadaptações para uma minoria étnica inserida nesta panóplia de pessoas desfavorecidas, denominada de *Etnia Cigana*. Neste contexto, surge a candidatura da autarquia ao Projecto de Mediadores Municipais, que pretende entre outros objectivos o sucesso do realojamento destas famílias.

Perante este quadro, mostrou-se fulcral para o sucesso do referido projecto da Câmara Municipal de Paredes, um reajustamento específico que passou por reunir esforços e saberes dos vários intervenientes, direccionando-os o mais especificamente possível para as reais necessidades desta pequena comunidade. É neste contexto, de apelo a respostas urgentes, que surge “esta intervenção que pode ser apelidada de “acordo de titãs”, dado que mais não é do que a união de várias entidades que se articulam entre si e actuam cordialmente em prol de um mesmo resultado, sem quebrar ou invadir espaços limítrofes de actuação.

O enquadramento deste trabalho irá ser dividido em seis partes. Nas três primeiras fases irá fomentar-se uma fundamentação teórica sobre a temática, numa quarta parte apresenta-se e identifica-se a Amostra em estudo, num quinto momento apresenta-se a parte prática e no termo deste trabalho irá ser ostentada a resposta à questão de partida.

Relativamente à metodologia usada para a realização deste trabalho procedeu-se ao uso de recursos bibliográficos, à recolha de informação na imprensa nacional e local, à entrevista informal e à observação directa. Acresce que o instrumental utilizado na prática interventiva abarca o parecer social, as entrevistas informais, os relatórios, a recolha de dados, as reuniões, as visitas domiciliárias, a consulta de documentos, a abordagem directa, as dinâmicas de grupo, os vídeos, o atendimento individualizado e em grupo e, claro está, o diálogo.

E é nesta base de pressupostos que se precederá à apresentação de todo o trabalho técnico e prático contextualizado e contributivo que aprume as formas de “actuação” no sucesso da inserção desta comunidade. Ambivalente, nos membros desta comunidade cigana de Paredes prolifera o “desejo” de integração na sociedade contemporânea e, em simultâneo a recusa de integração na mesma quando estão relacionados uma suposta “ameaça” à sua cultura e identidade própria. Este trabalho visa “identificar” a comunidade cigana do concelho de Paredes, e servir de sustentáculo às “intervenções e/ou actuações” noutras comunidades similares.

Parte I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO POVO CIGANO

1.1- ORIGEM E HISTÓRIA DO POVO CIGANO

O povo cigano surgiu no século XIV e XV como um povo nómada, não havendo muitos estudos científicos sobre o mesmo, relativamente à sua etiologia, à sua história e a toda a sua ramificação pelos diversos e diferentes contextos - “(...) a escassa literatura acerca dos ciganos quase nada nos esclarece quanto à sua origem, e muito pouco nos ensina sobre a sua cultura (...)” (Nunes, s/d.: 14) -, situação que pode ter contribuído para a escassez de informação sobre o mesmo.

1.2- DISPERSÕES DO POVO CIGANO PELA EUROPA

Quanto à entrada do povo cigano na Europa, não existe nenhum autor que apresente uma data específica, mas alguns especulam que não foi antes do século XII: “(...) quanto à data certa da entrada dos ciganos na Europa, pelos primeiros documentos, não é antes do século XII” (Sauvy, s/d, cit. In. Nunes, s/d: 48).

1.3- OS CIGANOS EM PORTUGAL

Há muitos anos que os ciganos entraram em Portugal: “(...) a etnia cigana, [está] presente na sociedade portuguesa há mais de quinhentos anos” (Noronha Helena, 2003: 7). Vêm dos mais variados cantos do mundo, contudo as suas práticas continuam sem grandes alterações. Vivenciam o mesmo estilo de vida nómada ancestral - “(...) o cigano nómada, em contacto permanente com a Natureza – Mãe, num espaço ilimitado (...)” (Nunes, op. cit.: 163).

Em Portugal também poderá ser proeminente uma visão negativa do povo cigano: “(...) as comunidades ciganas são um dos grupos mais afectados por fenómenos de pobreza e de exclusão social e no qual persistem muitos preconceitos e estereótipos, ...” (Guia para a intervenção ..., op. cit.:14).

Parte II

A CULTURA CIGANA

2.1 – FAMÍLIA CIGANA

A família é «sagrada» para os ciganos. Quanto maior for o número de filhos, maior será a sua subsistência, pois a maioria dos descendentes pratica a mendicância. A economia financeira é da responsabilidade de todos os membros da mesma. Cabe ao pai reger a educação do filho - “(...) a comunidade cigana trata as crianças com a maior doçura, afazendo-as à luta, (...)” (Nunes, op. cit.: 159) - para que este se torne num adulto forte, para dar seguimento às diversas actividades realizadas pelo primeiro: “(...) lança-as muito jovens ao assalto das gadjés; elas são capazes de mendigar com agressividade, insensíveis às reacções dos gadjé (...)” (idem).

2.2 – CASAMENTO CIGANO

Para se proceder ao acto do casamento existem nesta cultura determinados preceitos que devem ser seguidos de uma forma rigorosa, para a concretização do mesmo. Por isso, para os ciganos os indivíduos casados, são todos *“Aqueles que mantêm uma união duradoira, aceite e reconhecida pelos familiares donde procedem e a comunidade de que fazem parte (em geral o clã do marido), ...”* (Nunes, *op. cit.*: 205).

Nesta cultura predomina a *exógamia*, pois o povo cigano não interpreta como problema que o casamento se realize entre primos paralelos ou cruzados, *“(...) desde que as famílias notem alguma convivência nesse enlace (...)”* (*ibidem*).

Estes postulam a máxima de que preferem casar os seus filhos com gente conhecida, *“(...) o que implica consanguinidade ou relações de afinidade (...)”* (*ibidem*).

2.3 – RELAÇÃO HOMEM - MULHER CIGANA

Na cultura cigana, a mulher ocupa um papel de submissão. Tem que ser subjugar-se ao seu marido e à sua sogra, sendo que a sua visibilidade é mínima perante toda a linhagem do marido: *“o marido possui o direito exclusivo para infligir qualquer tipo de castigo à mulher. A mulher é considerada débil e inferior”* (Nunes, *op. cit.*: 174).

A mulher cigana junto da sua família de origem, terá que ser submissa ao seu pai e irmãos, principalmente ao irmão mais velho, pois à morte do pai é este que toma o seu lugar: *“o irmão mais velho é quem, depois do pai, tem mais autoridade sobre os mais novos. Ele é o substituto e o braço direito do pai”* (idem: 175).

2.4- LINGUAGEM CIGANA

O Romani é a língua comum a todos os ciganos. Porém, depois da sua fixação em diferentes países houve algumas alterações, devidas às associações adquiridas nesses contextos (*ibidem*)

2.5 – Religião Cigana

O povo cigano vivencia a sua religião envolta num ciclo de crenças religiosas, que podem mostrar-se fundamentais para a sua organização e conseqüente coesão. Como nómadas, tendem a “germinar” numa panóplia alargada de diferentes/diversos países, quadro que lhes pode promover uma adaptação à religião do país de acolhimento. Podem, por isso, ser ortodoxos, muçulmanos ou protestantes, de acordo com o contexto onde vivem (*ibidem*).

Parte III

O POVO CIGANO DA ACTUALIDADE

3.1- ACULTURAÇÃO CIGANA

A comunidade cigana pratica um estilo de vida muito próprio e muito diferente dos *gadjó*. Por isso, quando esta comunidade se instala num qualquer lugar, tenta aceitar algumas noções da cultura residente, muitas das vezes por uma questão de sobrevivência, pois estes tentam preservar ao máximo os seus costumes e tradições: *“embora os ciganos, no seu impulso de sobrevivência, se aproximem lentamente de nós, segundo um processo de aculturação e estejam numa via de adaptação, essa adaptação não significa assimilação”* (Guia para a intervenção ..., *op. cit.*:342).

3.2 – O CIGANO E O GADJÉ

Os ciganos possuem determinadas características e convicções que os diferenciam de todos os outros não ciganos. Os *gadjé* ou *gadjó* são todos os outros povos não ciganos que também possuem a sua cultura e tradições, mas como se encontram em maioria, fazem prevalecer com mais facilidade os seus ideais. (Guia para a intervenção ..., *op. cit.*:354).

3.3 – RELAÇÕES SOCIAIS

Quando este povo se instala num contexto dos *gadjé*, por norma, estes jamais os recebem de uma forma cordial, podendo ter muito presente o desagrado pela sua presença: *“desde as pragmáticas reais contra os ciganos até aos processos nazis da Segunda Grande Guerra, este povo tem continuado a ser alvo das violências mais injustas, quer provenientes da brutalidade policial, quer da incompreensão administrativa”* (*idem*: 364). Assim, poderá tornar-se importante para as pessoas ciganas e não ciganas o empreendimento de acções de sensibilização junto de ambas as comunidades, de forma a favorecer a interacção entre todos, mostrando mais congruência com as variadas culturas que poderão ser proeminentes nas diferentes sociedades. (*ibidem*).

Parte IV

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE CASO

Este caso em estudo (Comunidade Cigana residente no concelho de Paredes), teve um teor de actuação intensificado devido à integração da equipa de Rendimento Social de Inserção (RSI) com actuação diária. Sendo o RSI um benefício social, importa referir que a ideia de que os ciganos exploram os benefícios sociais sem terem verdadeiramente necessidade deles corresponde a um preconceito partilhado socialmente, e o concelho de Paredes não é excepção. No entanto, não se trata de uma opinião única para os ciganos, mas sim para toda a comunidade beneficiária do RSI.

APRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DA “AMOSTRA EM ESTUDO”: O POVO CIGANO DE PAREDES

4.1- IDENTIFICAÇÃO DA “AMOSTRA”, GRUPO-ALVO DE INCIDÊNCIA

Segundo os dados da equipa de RSI (Rendimento Social Inserção) da Misericórdia de Paredes, e da Câmara Municipal de Paredes, a comunidade cigana de Paredes conta com de 21 agregados num total de 94 indivíduos (com data de referência de Fevereiro/2011).

Afluindo às mesmas fontes, refere-se que do total dos 94 indivíduos, 47 são do sexo masculino e 47 do sexo feminino. Ainda neste universo, 49 são crianças (filhos), sendo 26 do sexo masculino e 23 do feminino. Refere-se a existência de agregados constituídos por elementos menores de idade já com filhos, principalmente do sexo feminino, daí que quando se faz referência a crianças se especifica a expressão “filhos”. Das já citadas 49 crianças (filhos) dos agregados, 29 são maiores de 12 anos. Focaliza-se a existência de uma população muito jovem e com grande número de indivíduos na idade dita activa (18 aos 50 anos).

Quanto ao estado civil, refere-se que não é prática habitual desta comunidade o casamento em regime católico ou pelo civil. Como tal, referencie-se que do total dos 21 agregados constituídos apenas 7 estão casados pelo registo civil. Evidencia-se, no entanto, que os restantes 14 agregados assumem uma “união de facto”, tanto para efeitos de RSI (Rendimento Social de Inserção) como na Câmara Municipal.

Ao nível profissional, e considerando os 45 indivíduos adultos - porque apenas 3 possuem mais de

65 anos -, resta um total de 42 indivíduos em idade activa que maioritariamente exercem a venda ambulante e a apanha de sucata como profissão “liberal”. Esta prática profissional permite-lhes um reforço financeiro extra para além do que têm atribuído pelo RSI. No entanto, esta situação encontra-se regularizada perante os serviços de RSI, uma vez que os valores angariados nesta prática profissional estão declarados. Singulariza-se a situação profissional de um dos indivíduos, uma vez que este exerce funções de “Mediador Municipal” na Câmara Municipal de Paredes.

Como habilitações literárias, esta comunidade apresenta uma maioria como iletrados.

Ao nível habitacional, tal como acontece em algumas comunidades similares, vivem em barracas familiares construídas por chapas, madeira e outros materiais que encontram na apanha da sucata. Por dentro, estas barracas são divididas por cortinas. Reaproveitam e reciclam desta forma todos os materiais sem utilidade para os *gadjés*.

4.2- Metodologia adoptada e procedimentos de informação

Como indica Espinoza (1986: 89), cit. em Serrano (2008: 47), “*o método é o caminho que se escolhe para a obtenção de um fim*”. Neste seguimento, fica intrínseco o conjunto de actividades que já se desenvolveram e continuarão a ser desenvolvidas para se executar o projecto, ou seja, as acções e os procedimentos que se devem realizar para alcançar as metas e os objectivos propostos.

Os procedimentos da recolha de informação foram baseados em pesquisa documental e de campo. A pesquisa documental teve como objectivo levar em linha de conta a informação existente nesta área e de recolher os dados disponíveis. Esta mesma pesquisa teve como objectivo reforçar ou acrescentar informação e dados além dos existentes nos processos da equipa de RSI. Posteriormente, a análise dos dados recolhidos serviu de base ou pilar para toda a intervenção realizada.

O uso de recursos bibliográficos, a recolha de informação através de todos os membros da etnia, em particular o senhor José Esteves que exerce funções de mediador da Câmara Municipal de Paredes, a entrevista informal e a observação directa foram o sustentáculo de toda a actuação. Sobrevenha ainda que o instrumental utilizado na prática interventiva abarcou a participação e/ou consulta do parecer social, entrevistas, relatórios, recolha de dados, reuniões, visitas domiciliárias, consulta de documentos, abordagem directa, dinâmicas de grupo, vídeos, atendimento individualizado e em grupo e o diálogo.

Parte V

A COMUNIDADE CIGANA DA CIDADE DE PAREDES

5.1- ORIGEM E HISTÓRIA

Após a recolha de informação junto de fontes privilegiadas sobre a origem e a história desta comunidade, evidenciaram-se algumas incongruências. Pode existir quem afirme, por exemplo, que este povo apenas se encontra em Paredes há cerca de 20 anos e que inicialmente estivera acampado no terreno ao lado do Centro de Saúde de Paredes, onde actualmente se encontram as instalações da Caixa Geral de Depósitos, terreno este situado em frente à Santa Casa da Misericórdia de Paredes e do Hospital da Misericórdia de Paredes. Outras entidades afirmam ainda que lá se mantiveram até há mais ou menos 10 anos atrás e, só depois é que foram para o actual acampamento situado no “coração” da cidade, no lugar de Valbom, freguesia da Madalena, precisamente por detrás da Câmara Municipal de Paredes e lado a lado com a Junta de Freguesia. No entanto, foi relatado e defendido por dois membros mais velhos da própria comunidade cigana e por um dos antigos membros da direcção do Clube de Futebol de

Paredes o seguinte: segundo este último, há cerca de 25 anos atrás chegou a Paredes uma família cigana, já na altura constituída por cerca de 10 elementos e que se instalaram no “campo das laranjeiras”, assim apelidado na altura. Saídos do “campo das laranjeiras”, as famílias ciganas já com cerca de 30 indivíduos, instalaram-se no terreno situado em frente à Misericórdia de Paredes e Hospital, e ao lado do Centro de Saúde de Paredes, e lá se mantiveram cerca de 10 anos.

5.2- O POVO CIGANO DA CIDADE DE PAREDES COMO COMUNIDADE

Na perspectiva de “comunidade” geral, incluindo ciganos e *gadjés*, pode afirmar-se que mediante as características da sua própria cultura e vivências, o povo cigano situa-se no “limite”, na medida em que não se encontra incluído ou excluído na comunidade *gadjé*, considerando as suas diferenças que são únicas e não se enquadram nas residentes. Segundo a autora Raquel Paiva “*comunidade é, então o que permite ao indivíduo e aos grupos vislumbrar a abertura para estender criativamente novas pontes sobre a dissociação humana*” (2007: 10-11).

5.3- OS SENTIMENTOS DE PERTENÇA E PARTILHA

A partilha de valores, a língua, os modos de vida, os recursos e as potencialidades desta comunidade cigana são o que a dota de uma “identidade” e de uma cultura muito própria. Diga-se ainda que a identidade desta comunidade é produto da sua cultura única.

Segundo o Sr. José Esteves, mediador Municipal da Câmara Municipal de Paredes, este mesmo “sentimento” é salientado, por exemplo, no seguinte relato: “*Na agua que no acampamento se encontra 3 fontanários não á qualquer discordância derivado que a agua é para que todos possam consumir não se pode negar a agua que é bem essencial*”.

5.4- ESTRUTURA SOCIAL

Nesta comunidade cigana, constituída por 21 agregados, refere-se que os mais velhos são os detentores de mais sabedoria e respeito pelos restantes membros. Nesta perspectiva considera-se que esta comunidade está dividida em dois grandes grupos, não significando tal a divisão de famílias ou território.

Citando a informação cedida pelo Mediador Municipal, Sr. Esteves: “*No acampamento de etnia cigana de Paredes encontra se 4 nomes de raças embora sejamos todos de etnia cigana mas não quer dizer que somos todos famílias*” - expressão que comprova como se organiza esta comunidade.

Ainda na tentativa de explicação da estrutura social desta comunidade, pode-se salientar um pequeno excerto da notícia publicada no Jornal de Notícias intitulada “*Ciganos adultos conhecem primeiras letras na escola*”, do dia 1 de Dezembro 2008, que refere o seguinte: “*Esta gente anda feliz, sobretudo as mulheres. Trata-se de uma comunidade especial, com regras próprias, em que o papel das mulheres face aos homens é sobrevalorizado*”, salientado pelo Pedro Nazário, psicólogo e gestor dos processos de RSI.

5.5- IDENTIDADE ÉTNICA: DIFERENTES GRUPOS, ACULTURAÇÕES DENTRO DESTA COMUNIDADE

O que é que realmente se considera ser a melhor definição para esta comunidade cigana de Paredes? Será importante referir que não se deve falar apenas numa “comunidade cigana” em Portugal, mas sim de várias, devido à multiplicidade de situações e às especificidades de cada grupo. Refira-se, nesta linha de pensamento, que a comunidade cigana de Paredes é um desses grupos. Ora, o grupo prolífero em outros três grupos distintos apelidados por “Gatos, Caixotes e Camelos (estes últimos também conhecidos

por Chibotes)” que, segundo membros da própria comunidade, distinguem-se por distintas “visões” e cumprem diferentes “hábitos ciganos”. É apenas pedido que esta comunidade cigana tenha o direito de preservar, vivenciar e reproduzir a sua cultura sem sofrer qualquer represália por isso.

5.6- PRECONCEITOS E ESTIGMAS CIRCUNDANTES

Recorrendo à fonte, o *Jornal de Notícias* de 29 de Agosto de 2010, que apresenta algumas diferenças entre duas comunidades ciganas, a de Paredes e a de Carrazeda de Ansiães, mais conhecida por “Bairro do Iraque”, pode salientar-se o preconceito e o estigma que circundam estas comunidades. Este excerto relata a história de vida de um cigano (engenheiro de profissão) que esconde a sua verdadeira identidade pelo receio de “represálias”; cita-se: *“Ser cigano é o seu segredo. Esconde a identidade como quem encobre um crime que não prescreve. E todos os dias acorda com medo de ser descoberto. Às vezes, engole em seco, mas nunca escorrega. “Sei o que pensam, ouço os comentários. Não posso arriscar perder tudo só porque as pessoas nos metem a todos no mesmo saco”.*

5.7- ABSENTISMO, ABANDONO ESCOLAR PRECOCE

Diga-se que a escola, segundo o agrupamento de Escolas de Paredes, tenta transformar os “processos pedagógicos” obrigatórios em “processos transformativos”.

Citando parte da notícia publicada na edição nº 113, de Agosto de 2010, do *Jornal Entre Paredes*, onde se espelham os esforços que estão a ser realizados para o combate ao abandono e absentismo escolar: *“... os resultados estão à vista, destacando-se, por exemplo, o trabalho desenvolvido junto das instituições de ensino no sentido de colmatar as principais fragilidades associadas à frequência escolar das crianças de etnia cigana, a realização de várias acções de sensibilização sobre Higiene e Saúde Oral, o “Almoço Cigano”, a participação de um grupo de alunos na Assembleia Municipal dos Direitos da Criança ou, mais recentemente, a parceria estabelecida com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) que resultou no encaminhamento de sete jovens para a frequência de Educação e Formação na área da Jardinagem.”*

5.8- RELAÇÕES PARENTAIS E INTERPESSOAIS

Relativamente aos laços familiares, apresentam-se como um exemplo a seguir. Para um cigano o mais importante é, sem dúvida, a família, evidenciando-se os filhos como “bens” supremos. Salienta-se ainda que, nas festas de casamentos e baptizados, a comunidade cigana é bem hospitaleira, não faltando boa comida e bebida, no entanto a forma de “comemoração” não é comum a todos.

5.9- MOTIVAÇÕES E INQUIETAÇÕES

Sendo público o desenrolar do Projecto que lhes irá proporcionar o acesso a uma habitação condigna, esta situação parece estar a promover a vinda de outros ciganos com o objectivo de se juntar a esta comunidade, com o intuito de também lhes ser cedida habitação. No entanto, salienta-se que tal não acontecerá. A criação das habitações é exclusiva para os vinte e um agregados apresentados.

Uma inquietação desta comunidade é o facto de poder existir a possibilidade de um não enquadramento/aceitação da população vizinha, condição posterior à sua instalação nas novas habitações. Apesar de não serem muito distantes das actuais, o que é certo é que os vizinhos serão outros.

Como aspiração, esta comunidade pretende principalmente a integração profissional, nomeadamente o género masculino. Nesta comunidade é pretensão manter as mulheres em casa a cuidar dos filhos. Salvaguardam apenas alguma cedência e concordância em elas frequentarem alguns cursos.

5.10- CONDIÇÕES HABITACIONAIS E INSALUBRIDADE

As barracas do acampamento são interpretadas pelos ciganos como “casas”, e mesmo quando se referem às mesmas como “barracas”, fazem-no com orgulho. Saliente-se que poucas são as barracas que não possuem uma improvisada e habilidosa canalização de água, provindas dos três fontanários do acampamento. No seu interior, podem ainda encontrar-se pequenas divisórias em madeira e/ou cortinados que separam a cozinha dos quartos e da improvisada casa de banho - quando existe. Salienta-se ainda a estrutura das barracas que, mesmo com uma aparente fragilidade, têm dois andares. Comum a todas as barracas é o facto de todas possuírem electricidade. Registe-se ainda um outro facto característico nestas barracas: todas elas possuem janelas em madeira ou metal. Na sua grande maioria, o chão é revestido com cimento, tijoleira e/ou madeira. Raras são as que têm o chão em “terra batida”.

5.11 OS MODOS DE VIDA QUOTIDIANA

Para além do valor que lhes é atribuído na prestação do RSI, é aos homens que cabe a obrigação do sustento da casa e da família. Como tal, dedicam-se a trabalhos sazonais, tais como: “apanha” da fruta, vindimas, recolha e venda de sucatas, fabrico e venda de produtos de cestaria, venda de guarda-chuvas, cadeiras, pensos rápidos, pipocas e algodão doce em festas e romarias, venda de brinquedos e outros artigos oportunos. Na maioria destas actividades as mulheres e os filhos a colaborarem com os maridos/pais.

INTERVENÇÃO SOCIAL JUNTO DA COMUNIDADE CIGANA DE PAREDES

6.1- PROCEDIMENTOS CONSENSUAIS NA LITERATURA CIENTÍFICA

A maior mudança operada ao longo da existência da medida de RSI é, sem dúvida, o envolvimento do beneficiário (RSI) num processo de inclusão mais vasto, através dos chamados Programas de Inserção (PI) contratualizados, pois sob o PI os beneficiários podem, dependendo da sua situação individual e/ou familiar, receber orientação técnica para o cumprimento de “Acções” em prol da melhoria das suas condições de vida. Os PI's são flexíveis no que toca ao tipo de acções que, neste caso concreto, o dos ciganos, é capaz de seguir. Nesta base de acções contratualizadas no PI comprometem-se ambas as partes a um conjunto de políticas básicas de emprego, formação profissional, social e escolar, para uma integração profissional e social de sucesso.

Deste modo, pode-se afirmar que neste trabalho, tanto as alternativas de boa integração como as de má integração ou não integração, “assentam” nas mãos das gerações das comunidades ciganas actuais e futuras e dos poderes públicos (entidades) a quem foi sublevada essa tarefa.

6.2- INTERVENÇÕES DE PROMOÇÃO DE INCLUSÃO PELAS ENTIDADES DE PAREDES

A equipa de RSI da Santa Casa da Misericórdia de Paredes e parceiros, enquanto actores interventivos, desempenha o seu papel muito activo neste sistema de “reprodução social”. Radicando as suas práticas numa estrutura técnica decorrente das próprias perspectivas profissionais e da relação próxima com a etnia cigana e dos seus próprios padrões culturais e relacionais, assentes no seu percurso de vida, esta “equipa operativa” (técnicos e profissionais) actua sem ultrapassar os limites da sua intervenção. É de salientar ainda a forma afectuosa e estruturante como actualmente as entidades e instituições mantêm a relação com os ciganos, perspectivas estas que se preconizam – pode conjecturar-se - como um modelo a seguir.

Tornou-se de extrema importância dirigir acções/formações específicas para a comunidade cigana, uma vez que as acções desenroladas na sua maioria não cativavam esta comunidade. A inexistência de uma “identificação” com as acções/formação e a não aplicação dessa mesma aprendizagem proporcionava uma desmotivação considerável.

Neste contexto, surgem as acções/formações de intervenção directa dos ciganos, considerando toda esta panóplia de conhecimentos e avaliação prévia. Com a colaboração e a articulação das entidades/instituições ligadas a esta actuação, a equipa de RSI da Misericórdia de Paredes proporcionou e proporciona um trabalho interventivo contínuo.

6.3- RESULTADOS OBTIDOS: DO DIAGNÓSTICO INICIAL À SITUAÇÃO ACTUAL

Reconhece-se a existência de intervenções que em muito contribuíram para o referido “caso de sucesso” que hoje lhes é atribuído. Referido por várias fontes, a Santa Casa da Misericórdia de Paredes, na pessoa da Dr.ª Elsa Teixeira, directora técnica da instituição, é aludida como uma das mentoras iniciais da intervenção com a comunidade cigana em estudo.

6.4- FACE AOS RESULTADOS OBTIDOS, É VIÁVEL GENERALIZAR PROCEDIMENTOS?

A única preocupação, como técnica activa de terreno, é, sem dúvida, a objectividade “do olhar e da interpretação”. No entanto, esta preocupação é desvalorizada quando existem “entidades” e “visões” externas que confirmam a objectividade do meu olhar e da minha interpretação.

Pretendeu-se afirmar e confirmar em que medida a intervenção e acompanhamento técnico influenciou e influenciará a comunidade cigana de Paredes, “objecto de estudo” neste trabalho e, que está apelidado como um “caso de sucesso”.

Em suma, e para que não se duvide da sustentabilidade deste caso em estudo, passa-se a citar trechos de notícias que, por si só, espelham o referido “caso de sucesso” que não é mais do que um resultado do “sucesso da intervenção” que se tem realizado com esta comunidade cigana.

A reportagem de domingo do *Jornal de Notícias*²⁵ datada de 29 de Agosto de 2010, sobre o “Repatriamento de Ciganos”, apresenta como um dos seus subtítulos “Paredes: um caso de sucesso”, refere: “*Hermínia Moreira, vereadora da Acção Social da Câmara Municipal, afirma que “ele é um exemplo notável”. Rosário Farmhouse, do ACIDI, sublinha: “É uma inspiração”. Os elogios ajudam a justificar os números: dos 15 municípios seleccionados para o Projecto, Paredes, onde vivem 91 ciganos, é o que regista melhor desempenho: muitas parcerias com instituições, dezenas de actividades, centenas de pessoas a aderir às formações.*” Neste excerto sobressai a veracidade e pertinência das intervenções técnicas realizadas com esta comunidade. Apresentada na revista ACIDI, nº 81, de Junho de 2010, transcreve-se o seguinte trecho da notícia que salienta a importância dos Mediadores Municipais: “*Oito meses passados sobre o início do projecto, constata-se que o mediador cigano tem sido uma peça fundamental, não só no desenvolvimento das actividades mas, sobretudo na criação de sinergias e na construção de pontes que levam à aproximação das pessoas.*”

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, fico, por um lado, com a angústia e a sensação frustrada de, provavelmente, não ter sido capaz de ultrapassar totalmente a “fronteira” do senso comum e não ter clarificado como pretendia a experiência prática que possuo.

Inquirir, mesmo que de um modo informal, a comunidade cigana, obrigou e obriga a uma relação de

confiança, tanto da parte técnica como do cigano, bem como do conhecimento do campo de investigação e do contexto social. Isto significa um envolvimento, uma capacidade de estar disponível, saber olhar de modo igual e diferente, com postura cúmplice e crítica em simultâneo, de modo a tornar a relação de confiança numa suposta “familiaridade” com a comunidade cigana. Coube e cabe a cada um de nós, técnicos do “terreno”, promover a aceitação e o respeito pelas diferenças.

Perante este “choque” cultural, entre a “visão” da etnia cigana e a da sociedade, surge a forma de intervenção que se explanou, englobando práticas interventivas que consolidam a mudança de atitudes que há muito eram desejadas e necessárias à comunidade cigana e à comunidade *gadjé*.

A comunidade cigana de Paredes, como comunidade dinâmica que é, está nos anos mais recentes a passar por uma mudança profunda que se deve ao processo de intervenção iniciado há cerca de 10 anos atrás. É referido pela comunidade a melhoria das condições de vida ao longo destes anos no concelho de Paredes, sobretudo no “respeito” que se tem demonstrado pelas suas “escolhas” de vida, e o próprio RSI (Rendimento Social de Inserção) é visto como melhoria relacionada com a extensão de direitos e deveres sociais de cidadania.

Também se refere a importância das mudanças do ponto de vista cultural já descritas, no sentido de uma maior individualização na noção de família, com o conceito de solidariedade, o que nos leva a uma nova interrogação: não se estará, em paralelo, a realizar um processo de assimilação, tanto na população cigana como na *gadjé*? O dilema é saber da parte de quem e como se irá processar este processo de assimilação, daí a expressão utilizada de “construção de novas identidades”.

Este é, certamente, um passo importante para que em outras comunidades ciganas o “sucesso” seja igualável ao que neste trabalho se declara ter conseguido. É um “sucesso” ainda limitado, mas suficiente para que se projecte expectativas muito positivas num futuro muito próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, B. A. (2005). *Exclusões Sociais*. 5ª Edição. Gradiva Publicações, Lda.

Guia para a Intervenção com a Comunidade Cigana nos Serviços de Saúde. (2007) Madrid.

MOREIRA, P. (2005). *Para uma prevenção que previna*. 4ª Edição. Quarteto.

NUNES, O. (s/d). *O povo cigano*. Livraria Apostolado da Imprensa (A. I.). Porto.

NORONHA, H. M. (2003). *A escola é uma esperança. Sugestões para famílias de etnia cigana*. Secretariado Entreculturas.

PAIVA, R. (2007). *O espírito comum. Comunidade, Midia e Globalismo*. Editora Mauat Lta.

SERRANO, Glória P. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais*. Porto Editora.

Rede Social – Junta – Vicentinas - Pároco

Documentos Internos do RSI/Câmara Municipal (Rede Social)

Arquivos da Junta de Freguesia de Paredes

Documentos do Agrupamento de Escolas de Paredes

Recortes da Imprensa Nacional